



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UNB
Departamento de História (HIS)
Curso de Licenciatura em História

Mateus Galdino Silva de Jesus

A criação do Canadá: Da Guerra Indo-Francesa até a
Confederação

Brasília, DF
2018

Mateus Galdino Silva de Jesus

A criação do Canadá: Da Guerra Indo-Francesa até a Confederação

Monografia submetida ao curso de graduação
em História da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Licenciado em História.

Orientador: Professor Doutor Jaime de
Almeida

Brasília, DF
2018

Mateus Galdino Silva de Jesus

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História da Universidade de Brasília, em 09/06/2018 apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Jaime de Almeida, UNB
Orientador

Prof. Luiz Paulo Ferreira Nogueira, UNB
Avaliador

Prof. Virgílio Caixeta Arraes, UNB
Avaliador

Brasília, DF
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado incondicionalmente, mesmo quando eu fui extremamente teimoso em minhas decisões.

Agradeço ao meu pai, por me abrir os olhos para a realidade do mundo sem perder a paciência e a ternura.

Agradeço ao meu irmão, com suas brincadeiras e gargalhadas que sempre me ajudaram a desanuviar a mente.

Agradeço a todos aqueles que amo, minha família, minha namorada, meus amigos, professores e orientador, pois sem suas orientações, apoio e carinho eu não seria capaz de me focar em terminar este trabalho.

Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.

(Paulo Freire)

RESUMO

A Confederação do Canadá se destaca por ser um processo único de emancipação dentro do continente americano. Mostrando a origem do país, desde a guerra Indo-Francesa que transferiu as colônias francesas para a posse da Grã-Bretanha, até o surgimento da confederação em si, esse trabalho utiliza fontes históricas para entender o progresso do processo, assim como suas circunstâncias.

Palavras-chave: confederação, Canadá, Grã-Bretanha, 1867, processo, independência, processo de independência, colonialismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 CAPITULO 1: A incursão americana e a Guerra Indo-Francesa.....	9
3 CAPITULO 2: O período da Confederação.....	14
4 CAPITULO 3: As Invasões Fenianas.....	21
5 CAPITULO 4: A Confederação e a formação do Canadá.....	27
6 CONCLUSÃO.....	33
BIBLIOGRAFIA.....	35
FONTES.....	37
NOTAS.....	38

INTRODUÇÃO:

Quando, a propósito do continente americano, tocamos no assunto de “Independência”, o primeiro país que vem a nossa mente é os Estados Unidos da América. O processo, a luta, a forma com que os colonos anglo-americanos lutaram contra a poderosa Grã-Bretanha é passada até hoje como o epítome da luta pela liberdade e da oposição à opressão britânica. Porém, muitos esquecem de que para alcançar a independência não é preciso entrar em um conflito armado com a sua antiga metrópole e conseqüentemente ter uma ruptura com ela. O desejo de ter uma identidade só sua e de reunir os seus semelhantes ao redor de uma única bandeira não precisa necessariamente entrar em conflito com a metrópole. Se os líderes de determinados estados, províncias e regiões tiverem esse desejo e forem apoiados pelo seu povo, é possível alcançar tal objetivo sem ter de recorrer forçosa e exclusivamente ao conflito armado. A Confederação do Canadá é um dos melhores exemplos de tal possibilidade nas Américas. O processo como os líderes das províncias britânicas ao norte dos Estados Unidos se portavam diante das imposições da metrópole e como eles discutiram e botaram em prática o plano de se unir para formar uma única nação ajudou a moldar um Estado forte, apegado firmemente aos seus ideais, onde a diplomacia e a neutralidade estariam sempre em primeiro plano, tornando-se um modelo na abordagem do plano de independência pacífico, tendo em vista que o colonialismo britânico foi o único que incluía suas colônias no seu sistema parlamentar. Porém, tal diplomacia demorou a ser alcançada, já que a história do país foi marcada por uma rivalidade muito forte entre dois de seus maiores grupos populacionais: os franco-americanos e os anglo-americanos, principalmente após a separação da província de Quebec em Alto Canadá e Baixo Canadá pelo Ato Constitucional de 1791. Com o desejo de alcançar a autonomia e de se fortalecer perante os outros grupos locais e internacionais, os dois grupos conseguiram botar suas diferenças de lado e se unir em prol tanto das províncias anglo-americanas quanto das franco-americanas, após a invasão dos revolucionários irlandeses e o final da Guerra Civil Americana, mesmo que temporariamente e por motivos diferentes.

Esse trabalho buscará entender como o processo de independência de uma colônia ou região contra uma determinada metrópole ocorre, por quê ele ocorre e quais são as conseqüências desse processo que eventualmente leva, ou não, à independência de tal região.

Porém, abordando um caso que se distancia do padrão de guerra e revoltas incessantes para a conquista de tal direito, essa pesquisa buscará compreender como uma outra abordagem em um processo de independência pode ajudar a levantar uma outra visão em futuras pesquisas sobre a área.

A Confederação Canadense de 1867 foi o resultado de uma série de diálogos e reuniões feitas envolvendo os principais líderes das províncias que ainda se encontravam sob o domínio inglês no norte do continente americano. Será estudada a participação dos principais grupos populacionais do Canadá no processo da Confederação, os seus objetivos ao fazê-lo e a própria Confederação em si, sendo necessário levar em conta o contexto social dos colonos e das províncias, assim como sua relação, já que a ancestralidade e a pluralidade cultural presente nessas regiões acabavam reacendendo constantemente antigas rivalidades entre os seus habitantes, que viriam a influenciar profundamente o andamento da Confederação e a formação da identidade dos futuros habitantes de suas respectivas províncias. Além disso, será dedicada uma atenção especial à participação dos franco-canadenses de Quebec no debate, mesmo estes se identificando como uma sociedade à parte dos seus conterrâneos anglo-canadenses. Será discutido o porquê de lados tão antagonistas entre si, nesse caso os canadenses de origem anglo-saxã e os de origem franca, decidirem juntar-se para discutir a formação de uma nação. Além disso, serão exploradas as diferentes visões e relações que os dois grupos tinham com o Parlamento, que influenciaram o debate sobre a legitimidade do movimento na Grã-Bretanha.

Assim sendo, centro minha tese em três questões importantes a serem respondidas, norteando minha pesquisa: Quais são os motivos que levam os habitantes de uma colônia a, unidos, formarem uma nação independente? Existe algum tipo de sentimento nacionalista ou orgulho patriota prévio aos “abusos” que a colônia sofre, ou estes surgem assim que a comunidade percebe que está sendo explorada? Mesmo após passar por tantas rebeliões e com uma animosidade gritante entre os seus principais povos, como a união entre esses grupos gerou um sistema político estável e relativamente próspero?

Portanto, o presente estudo busca o aprofundamento sobre a discussão da formação da identidade dos colonos e como trabalhavam-na dentro na época.

Capítulo 1: A incursão americana e a Guerra Indo-Francesa

Quebec sempre foi uma colônia diferente das outras 12 presentes na parte norte do continente americano. Parte da antiga colônia de Nova França, Quebec se tornou parte das 13 colônias britânicas pelo tratado final de rendição da guerra de Sete Anos, na qual os perdedores, pertencentes à aliança feita pela França, Rússia, Espanha, Suécia e o Sacro Império Romano-Germânico cederam partes de seus territórios para a coalizão Anglo-Prusso-Portuguesa.

Antes mesmo antes da Guerra dos Sete Anos separar a Europa e suas respectivas colônias em dois blocos já havia uma grande inimizade entre as metades britânicas e francesas da América do Norte. No episódio conhecido como “A Batalha de Jumonville Glen”, ou “O caso de Jumonville”, George Washington, na época possuidor do título de Major e que no futuro próximo viria a ser um dos pais fundadores dos Estados Unidos da América, foi enviado a Ohio para dismantelar as operações e fortificações feitas por mercadores e militares franceses. Para o governo britânico, essa tentativa de expansão feita por Nova França era ilegal, já que Ohio era considerado território pertencente a Grã-Bretanha e era reivindicado por diversas outras colônias inglesas presentes na região. Após a recusa de obedecerem às exigências de Washington, foram dadas ordens de formação de uma força miliciania para a construção de um forte no local onde futuramente seria fundada a cidade de Pittsburgh, para que assim os franceses se sentissem intimidados e evitassem de tomar atitudes mais audaciosas na sua “expansão”.

Não só os britânicos se encontravam apreensivos com a expansão francesa, mas também as comunidades indígenas da região se mostravam descontentes com a presença francesa em seus territórios. As relações entre indígenas e franceses se complicaram ainda mais depois que um chefe de uma tribo Mingo, Tanacharison o “Meio Rei” ou “Rei Mestiço”, se ofendeu após o comandante Paul Marin de la Malgue gritar com ele em uma negociação e jogar fora seu presente. Esse chefe em particular acaba tomando diversas atitudes que iam contra os franceses, como, por exemplo, auxiliar George Washington na sua tentativa de expulsá-los de Ohio.

De Fevereiro até Março de 1754 uma série de manobras militares foram feitas tanto por britânicos quanto por franceses. Enquanto esses gozavam de um número grande de soldados, aqueles tinham uma força três vezes menor do que a francesa, não possuíam um

forte construído dentro do território de Ohio e suas forças foram obrigadas a se retirar pela pressão esmagadora dos soldados francos. Foi no dia 27 de Maio que uma das frotas expedicionárias de Washington, junto com seus aliados Mingo, encontraram o batalhão comandado por Joseph Coulon de Villers de Jumonville, de não mais de 40 homens. Apesar de contarem com não mais do que 100 soldados, as forças britânicas estavam dispostas a rechaçar o pequeno batalhão francês, que além de estar em desvantagem numérica também encontrava-se com os soldados e sonolentos. Várias fontes dizem que Washington agiu de má-fé ao atacar os soldados franceses sem provocação ou uma declaração de guerra formal. Em seu diário¹, Washington descreve os eventos ocorridos porém não detalha se as tropas francesas os atacaram primeiro, apenas que “foram descobertos”: “Nós avançamos até chegarmos bem perto deles... até sermos descobertos; então ordenei à minha companhia que atirassem... A companhia [de Wagonner] recebeu todo o fogo dos franceses durante a maior parte da ação, que ocorreu apenas em um quarto de hora, antes de rechaçarmos os inimigos. Nós matamos o senhor de Jumonville, o comandante... assim como outros nove soldados; ferimos um e fizemos vinte e cinco de prisioneiros”². Dois outros relatos, o de um canadense chamado Monceau e o de um índio da tribo de Tanacharison, ambos integrados ao relatório oficial do comandante Claude-Pierre Pécaudy de Contrecoeur, reforçam a tese de que Washington agiu de forma covarde, já que segundo o comandante: “[As tropas de Jumonville] se viram cercadas pelos ingleses de um lado e de índios do outro. Os ingleses os atacaram com duas ondas de tiro, mas os índios não fizeram nada. O senhor de Jumonville, com seu intérprete, lhes disse que parassem, que ele tinha algo a lhe dizer. Houve o cessar fogo. Então o senhor de Jumonville ordenou que lhes fossem trazidas as Ordens que eu enviara por ele ordenando a retirada dos ingleses daquelas terras... Monceau diz que viu quatro franceses se deslocando para perto de Jumonville, enquanto ele lia as Ordens... na qual durante esse momento Monceau fez o possível para chegar até nós”³. Segundo Contrecoeur, agora usando do relato do índio para suplementar o seu relatório já que Monceau não estava presente quando Jumonville morreu: “O senhor de Jumonville foi morto por um tiro de mosquete na cabeça enquanto lia as Ordens para os soldados ingleses”⁴.

Após a vitória, Washington e seus homens se retiraram e começaram a construção de

1 Disponível em http://www.archive.org/stream/journalofcolwash00washrich/journalofcolwash00washrich_djvu.txt

2 *Ibidem*.

3 ANDERSON, Fred. *Crucible of War: The Seven Years' War and the Fate of Empire in British North America, 1754–1766*. New York, 2000. p 54.

4 *Ibidem*.

um forte no local, porém seus planos foram interrompidos pela chegada de mais de 600 franceses, e após uma rápida batalha Washington rendeu-se e assinou um documento onde admitia que Jumonville e seus homens foram assassinados (apesar de haver afirmações de que tal documento foi mal interpretado por Washington e que sua tradução havia sido alterada de má fé pelos soldados franceses).

Após esse pequeno conflito, Grã-Bretanha e França tentaram entrar em um acordo para resolver as questões acerca dos conflitos nas fronteiras de suas colônias. Porém com o aumento das hostilidades, ambas as potências mandaram mais tropas para reforçar seus respectivos exércitos dentro do continente americano. Quando a Guerra dos Sete Anos eclodiu, o que para os franco-canadense seria a *La guerre de la Conquête* (Guerra da Conquista), as colônias britânicas e a Nova Francia se enfrentaram em um conflito que ficou conhecido como “A Guerra Indo-Francesa”, nome dado devido à grande quantidade de comunidades indígenas que se aliaram à Nova Francia. Diversas batalhas foram travadas dentro do território Norte-Americano, com os britânicos fazendo campanhas muito agressivas durante 1755 e os franceses retalhando em larga escala de 56 até 57.

A batalha mais notável seria a de Forte Henry, onde devido a recusa do General Daniel Webb de mandar reforços para Forte Henry, ação feita devido a um rumor passado a ele por um desertor francês, o forte foi tomado por mais de 8 mil soldados aos quais se somava a coalizão franco-indígena, contra os pouco mais de 2500 britânicos que o defendiam. Depois da conquista houve um grande massacre feito pelos índios em que estes tentaram descontar toda a raiva que sentiam pelos britânicos. Após a rendição incondicional dos ingleses, os comandantes franceses planejavam uma retirada das tropas derrotadas de Forte Henry para Forte Edward, porém seus aliados indígenas faziam pequenos ataques contra grupos de derrotados, matando, pilhando e raptando quem quer que aparecesse na frente. Após várias tentativas, o comandante da operação, Louis-Joseph de Montcalm, tentou reunir todos os derrotados e mandá-los de uma vez para Forte Edward. Infelizmente, os aliados indígenas já esperavam por isso, e ao se aglomerar na saída do forte, passaram de insultar, ameaçar e atirar pedras nos derrotados a bater, matar e sequestrar diversos deles⁵. Uma verdadeira batalha unilateral foi travada onde índios tentavam causar o máximo de dano possível aos derrotados ingleses e uma grande parte dos soldados franceses não fazia absolutamente nada para impedi-los.

5 NESTER, William R. *The First Global War: Britain, France, and the Fate of North America, 1756–1775*. Westport, CT, 2000. p 60.

Porém as coisas acabaram mudando para o lado inglês. Com a economia fragilizada depois que um sistema de corrupção do intendente administrativo da região, François Bigot, foi descoberta e uma grande quantidade de aliados indígenas se retirando devido a uma nova epidemia de varíola que se alastrava tanto pela população indígena quanto pela população francófona, e também pela recusa de Montcalm de ceder aos índios seus “prêmios” após o episódio de Fort Henry, as forças francesas começaram a fraquejar frente às inúmeras ofensivas britânicas, em especial após perderem o recém-conquistado condado de Ohio para a Expedição Forbes, comandada pelo general John Forbes em Setembro de 1758. No entanto, o que decidiu o destino de Nova Francia foram duas batalhas decisivas, nas Planícies de Abraham em 1759 e a chegada dos reforços britânicos na baía de Quiberon, que marcou o fim da Guerra dos Sete Anos.

Com a captura do porto de Louisburg dos franceses na Île Royale (Ilha da Realeza), o general James Wolfe rumou direto para a cidade mais importante de Nova Francia, Quebec. Lá, depois de juntar suas tropas e formar uma coalizão dos fortes ao redor de Quebec, Montcalm partiu a formar uma guerra de atrito com os britânicos, onde aqueles cujos suprimentos se dissipassem primeiro perderiam a batalha. Montcalm fazia jus ao seu nome, e usava de poucas ofensivas dispensáveis para reduzir a moral e os suprimentos britânicos. Sem ter nenhuma solução para seu problema, Wolfe reuniu suas tropas, saiu de seu quartel general na Île de Orleans (Ilha de Orleans), a leste de Quebec e marchou diretamente para as planícies ao lado Nordeste de Quebec, tentando circundar a margem do Rio Saint Lawrence e atacar a cidade pelo norte. Montcalm, vendo o que aconteceria, movimentou suas tropas para encontrar as de Wolfe, e após um longo dia de batalha, com os dois regimentos utilizando de milhares de cartuchos de munição, o regimento francês começou a fraquejar, e ao virarem as costas para sua retirada desordenada incitaram os britânicos à uma perseguição ainda mais desorganizada, já que o General James Wolfe sucumbira com dois tiros no peito naquela mesma tarde. Contudo os franceses não conseguiram chegar muito longe. Ao se retirarem para Quebec, os regimentos britânicos conseguiram facilmente dismantelar as defesas da cidade, e ferir mortalmente Montcalm. O general aguentou até a manhã seguinte, porém não resistiu aos ferimentos e morreu no auge da ocupação britânica à sua cidade.

Após a queda de Quebec, a coalização francesa se sentiu forçada a tentar uma última grande empreitada para reverter o resultado da guerra. Uma grande frota de navios partiu de Nova Francia para atacar Londres. Porém, acabaram encontrando a armada britânica no meio

de seu caminho, que já estavam a caminho de Quiberon após outra vitória esmagadora sobre a marinha francesa na batalha de Lagos. Após dizimarem a armada francesa, os navios britânicos formaram um verdadeiro escudo ao redor de Quiberon, impossibilitando a chegada de reforços e suprimentos franceses. Isso, combinado com a vitória decisiva de Wolfe em Quebec, levou o exército francês a definhar cada vez mais, até que em 1 de Setembro de 1760 três forças expedicionárias britânicas se reuniram diante da cidade de Montreal e após pouquíssima resistência acabaram por receber a cidade dos seus poucos defensores franceses.

Em Fevereiro de 1763, após a vitória da Grã-Bretanha na Guerra dos Sete Anos, a França assinou o Tratado de Paris que incluía a transferência de suas colônias da parte norte do continente americano para a Inglaterra, oficializando, assim, o domínio inglês na parte nortenha do continente americano. Apesar disso, os ânimos dos veteranos franceses e habitantes da região não foram apaziguados, pouco a pouco rechaçados de suas terras por imigrantes britânicos, concentrando-se na região da colônia de Quebec, reavivando o ódio secular existente entre ingleses e franceses, agora intensificado pela perda humilhante de suas terras e expulsão de seus lares.

Quebec acabou nutrindo seu ódio e seu sentimento separatista por anos após o término da guerra, vibrando ao ver os ingleses serem expulsos de suas terras pelos recém-criados “norte-americanos” e vendo seu herói, Montcalm, vingado na ofensiva francesa durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos.

Capítulo 2: O período da Confederação

Quais seriam os motivos pelos quais uma colônia, ou várias, rebelam-se contra a sua metrópole? Como ocorre o processo de independência? A principal referência quando tocamos nesse assunto seria a Independência dos Estados Unidos da América, altamente romantizada pelos seus habitantes, esquecemos o porquê dos “americanos”, ou estado-unidenses, pegarem em armas. Taxados indevidamente pela coroa britânica e sem direito a um representante no parlamento inglês, a insatisfação dos revoltosos culminou na famosa “Festa do Chá de Boston”, e como resposta, foram proclamados os chamados “Atos Intoleráveis” pela coroa inglesa, uma série de impostos e taxas abusivas como represália pelo evento. Em seu livro *“Smuggler Nation: How Illicit Trade Made America”*, Peter Andreas afirma que os verdadeiros motivos por trás das faíscas soltas por ambas as partes nesse período pré-revolução seriam disputas pelo domínio do “comércio marítimo” das treze colônias, ou seja, foi uma escaramuça entre os colonos e os imperiais ingleses com o objetivo de definir quem contrabandearia mais mercadoria para dentro do continente americano. A vigilância que a Inglaterra fazia sobre o comércio americano era tão alta que piorava a impressão que os colonos tinham dos ingleses: “Usar da Marinha Real para combater o tráfico não somente antagonizava os mercadores, mas também criava brigas e tensões entre os comerciantes (americanos) e oficiais da Marinha que competiam entre si pelo domínio dos territórios e da mercadoria apreendida”⁶. Claro que nem tudo foi resumido a uma simples disputa pelo controle de uma atividade ilegal como um simples contrabando, isso foi apenas uma das fagulhas que culminaram em um incêndio ainda maior. Podemos traçar as origens de tais divergências desde a época da colonização do continente americano pela Grã-Bretanha e na subsequente implementação dos Atos de Navegação, que impediam as colônias inglesas de comerciar com outras colônias ou países europeus que não estivessem sob o domínio inglês ou que não fossem a própria Inglaterra. Porém, com os preços abusivos dos produtos ingleses e o “(...) intenso e competitivo mundo comercial atlântico (...)”⁷ os colonos ingleses não poderiam ficar no prejuízo, sendo que eles acabaram por se botar à frente desse tipo de negócio “(...) desenvolvendo uma rede de comércio ilegal que ligava portos coloniais nas

⁶ ANDREAS, Peter. *Smuggler Nation: How Illicit Trade Made America*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p 36. (tradução nossa)

⁷ *Ibidem*, p 21. (tradução nossa)

Índias Ocidentais e a Europa Continental”⁸. Como os colonos americanos estavam quebrando os antigos Atos de Navegação ao negociar com parceiros comerciais fora do tratado e ainda com antigos inimigos da coroa inglesa, a Grã-Bretanha passou a implementar sanções pesadíssimas contra aqueles que eram pegos praticando contrabando, e também contra as colônias que eram relacionadas a tal ato. Ou seja, na luta pelo domínio da economia e do que, segundo Peter Andreas, era a atividade que dera à luz a América (ou Estados Unidos, se adotarmos uma visão mais neutra e menos romantizada), ambos praticavam atividades “por debaixo dos panos” que prejudicavam o outro lado da relação colônia-metrópole, até chegar ao ponto em que tudo se tornava público e medidas oficiais teriam de ser tomadas para interferir no que se passava. No papel, tudo estaria regularizado, porém a realidade era outra.

Então, podemos, em parte, responder à primeira pergunta: “Quais seriam os motivos pelos quais uma colônia, ou várias, rebelam-se contra a sua metrópole?”. Ressentimento contra a metrópole devido a sanções que ela impusera sobre os colonos após estes quebrarem um acordo secular feito entre as Treze Colônias e a Grã-Bretanha. Claro que este seria apenas um dos motivos que levaram a tal processo, mas é interessante apontar esse dado em foco já que ele é pouco trabalhado na maioria dos relatos sobre a revolução estadunidense, pois não são todos os historiadores que virão a concordar com uma visão tão radical que remete a ascensão econômica das 13 colônias ao comércio ilegal. Não obstante, um dado já comprovado é o desejo da separação total da colônia frente a metrópole, que já era nutrido a algum tempo nas 13 colônias e que é notado se analisarmos documentos da época acerca de reuniões e debates feitos em relação a situação regional⁹.

Seriam então os motivos pelos quais as colônias e as metrópoles rompessem as suas relações não somente culpa da metrópole em si, mas também de certas ações que as próprias colônias faziam que acabavam por deixá-las em uma situação onde as suas metrópoles europeias deveriam puni-las por tentar “passá-las para trás”?

E quanto ao nacionalismo prévio a tais acontecimentos ou a essa fase pré-revolução? Ele já existia ou somente veio a existir nessa época onde as diferenças entre América e Europa tornavam-se vez mais gritantes e pesadas? Haveria um conceito de nação americana ou de qualquer nação presente nas Treze Colônias britânicas?

Segundo Eric Hobsbawm em seu livro “*Nações e Nacionalismo desde 1780*” não

⁸ *Ibidem*, p 22. (tradução nossa)

⁹ O documento usado como referência para tal afirmação é o “*Declaration and Resolves of the First Continental Congress*”. Disponível em http://avalon.law.yale.edu/18th_century/resolves.asp

haveria um conceito inequívoco para se definir uma nação se formos nos basear somente em comunidades ou coletividades humanas que insistem em se chamar assim, pois são várias as bases nas quais ela se ancora e os conceitos dessas bases são mutáveis. De fato, para ele, usar tais bases para se referir ao conceito de nação em épocas muito distantes é quase que anacrônico, já que tal conceito não se encaixa no contexto de qualquer época. Sendo assim, para definir seu conceito sem recorrer ao anacronismo, seria necessário tomar outras alternativas: “A alternativa para a definição objetiva de nação é uma definição subjetiva”¹⁰. Ou seja, realmente varia de grupo para grupo, de época para época, bases feitas por outros grupos e em outras épocas não se aplicam para demonstrar ou explicar o que era pensado na época, já que é possível uma interferência das noções da época na produção dos conceitos e é aí que o anacronismo poderá vir a surgir. Todavia, algo que é comum em todas as comunidades que se autointitulam dessa forma e que deve ser utilizado pelo menos para basear a sua pesquisa em relação a busca de tal conceito é que: o sentimento de nacionalismo vem antes daquela comunidade ou coletividade ser chamada de nação¹¹. Já o sentimento nacionalista que vem com essa concepção já impregnada nessa sociedade consegue ser ainda mais ambígua do que a própria discussão sobre o conceito de nação. A nacionalidade seria difícil de se entender pois “(...) não é possível reduzir a nacionalidade a uma dimensão única, seja política, cultural ou qualquer outra”¹². Uma pessoa de uma nação específica pode se identificar com outra completamente diferente, e vice-versa. “Assim, nem a definição subjetiva nem a objetiva são satisfatórias, e ambas são enganosas”¹³. Hobsbawm propõe tratar do assunto com neutralidade e distância para não deixar suas próprias concepções atrapalhar sua pesquisa. Para ele, nacionalismo é (usando o termo de Ernest Gellner) “fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente”.

Então, haveria ou não um sentimento de nacionalismo nos colonos ingleses no momento pré-revolução? A resposta mais plausível, seguindo a linha de raciocínio de Hobsbawm, seria de que é muito difícil os colonos se reunirem em torno de um ideal para fortalecer a sua sociedade e se unir se não houvesse algum tipo de sentimento de amor ou de orgulho em relação a ela. As próprias iniciativas que Peter Andreas diz terem quebrado os Atos de Navegação não foram mais do que um método que os habitantes das Treze Colônias

10 HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991, p 16.

11 *Ibidem*, p 19.

12 *Ibidem*, p 17.

13 *Ibidem*, p 18.

utilizaram para se fortalecer e sobreviver em um regime onde a palavra da capital inglesa era soberana, onde apesar da aparente liberdade política que dava aos colonos a falta de representatividade junto ao parlamento inglês acabava por não permitir as reivindicações e problemas sofridos por eles. Isso fez com que fosse gerado um sentimento de orgulho pelo que é seu, se transformando, aos poucos, em um sentimento que viria a dar à luz ideias e princípios que não se encaixariam sob o domínio de terceiros.

Após a Guerra Revolucionária Americana, a derrota da Grã-Bretanha e a formação dos Estados Unidos, uma grande quantidade de refugiados anglo-americanos permaneciam no continente americano. No ano de 1791 a coroa inglesa separou a província de Quebec, anteriormente conhecida como “Nova França”, em duas províncias distintas, que serviriam para abrigar os dois maiores grupos populacionais daquela região. Oficialmente, teria sido uma resposta à Revolução Americana, um modo de tentar controlar o resto das colônias que ainda respondiam ao império britânico¹⁴. Ao sul/sudeste ficaria o Alto Canadá (que mais tarde viria a se tornar a região de Ontário), cuja população era composta pelos refugiados ingleses da revolução americana e anglo-americanos leais ao império britânico, e governado pelos mesmos. Já o Baixo Canadá (região de Quebec) seria ocupado e governado pelos ex-súditos da França que ainda habitassem o continente americano (o que não foi uma mudança muito grande, já que a maioria deles já viviam nessa região). Para T.C.L Ketchum em “*High Spots in Canadian History*”, a verdadeira razão de tal divisão foi para que o evento da Festa do Chá de Boston não se repetisse em Quebec¹⁵, e para apaziguar os humores da maioria francesa, ainda que por pouco tempo, que clamava por uma província separada dos ingleses, assim assegurando os desejos dos franco-americanos e também sua lealdade. Essa reforma fez com que a antiga província de maioria francesa fosse dividida em dois territórios, aumentando muito a antiga rivalidade que os dois grupos sentiam um pelo outro, que dessa vez era inflamada pelo discurso do direito sobre as terras que estavam sendo ocupadas e pela dominância econômica e política da região, rivalidade que era extremamente desbalanceada para o lado dos anglo-canadenses já que a própria metrópole inglesa os favorecia em diversos aspectos. Tal condição é descrita pelo próprio governador-geral das colônias britânicas norte-americanas John George Lambton Durham, que produziu um documento em 1839, cerca de meio século após a criação dos dois Canadás em 1791, e que procurava entender os motivos

14 *Towards Confederation*. Disponível em <https://www.collectionscanada.gc.ca/confederation/023001-2100-e.html>

15 KETCHUM, T.C.L. *High spots in Canadian history*. Saint John, New Brunswick: The Saint John Globe Publishing Company Limited, 1926, p 31.

por trás das rebeliões ocorridas em ambas as províncias entre os anos de 1837 e 1838. No documento em questão, “*Report on the Affairs of North British America*”, Durham descreveu as relações entre as duas províncias como “duas nações digladiando no solo de um único estado”¹⁶. A situação era tão grave, e o ódio sentido por ambas as partes era tão profundo que pela sua origem (ou seja, por ser ou não cidadão nascido e criado em solo inglês) era “(...) impossível compreender a intensidade de ódio que a diferença de linguagem, de leis e de cultura criam entre aqueles que habitam a mesma vila e são cidadãos do mesmo estado”¹⁷ e que o que acontecia nas províncias do Alto e Baixo Canadá já não podia mais ser considerado um choque de cultura ou de princípios, e sim, segundo as próprias palavras de Lord Durham: “(...) de raças”¹⁸. Para Lord Durham, o mais sábio a se fazer seria a unificação de ambas as províncias em uma só. Porém, em seu relatório Durham acaba por expor a sua inimizade em relação aos franco-canadenses, e em vários trechos relata o seu desgosto pela “raça francesa” e como a superioridade inglesa (não só em relação aos franco-canadenses, ele afirma essa superioridade até sobre os próprios anglo-canadenses e as várias outras “raças”) deveria assimilá-los para que no futuro a união das duas províncias estivesse livre de futuras rebeliões¹⁹. Ainda assim, havia críticas à metrópole inglesa, tanto pelos anglo-canadenses quanto pelos franco-canadenses (ainda mais que esses ainda se sentiam discriminados nas suas diversas relações com a Grã-Bretanha), pois as leis e decretos que eram impostos às duas províncias não eram consideradas de acordo com os interesses da população. Também era criticada a falta de um governador nativo de cada região, que soubesse dos problemas e das dificuldades que as províncias passavam, além da falta de representação no parlamento inglês que deixava os canadenses irritados com esse descaso.

As insatisfações chegaram ao seu ápice em 1837, se transformando em uma onda de

16 DURHAM, John. *Report on the Affairs of North British America*. Ontario Council of University Libraries and Member Libraries. p 7. 1906. (tradução nossa).

17 *Ibidem*. p 7. (tradução nossa)

18 *Ibidem*. p 7. (tradução nossa)

19 “É difícil encontrar uma nação mais destituída de tudo que pode envigorar e elevar o homem, do que aquela descendente dos franceses no Baixo Canadá, que resistem em manter a sua língua e maneirismos peculiares. Eles são gente sem história e sem literatura [...]”

“A língua, as leis, o caráter do continente Norte-Americano é inglês; e toda raça além dos Ingleses (aplico tal condição a todos aqueles que falam a língua inglesa) aparenta estar em condição de inferioridade. É para elevá-los dessa inferioridade que eu desejo dar aos Canadenses o caráter Inglês. Eu desejo isso pelo bem das classes educadas, sendo a diferença entre a língua e os costumes o que separa-os do Grande Império na qual pertencem. Na melhor das circunstâncias, o destino do cidadão educado e do colonizador em ascensão, existe um raio de esperança; porém os Franco Canadenses se encontram ainda mais afundados nas sombras por culpa de uma linguagem e hábitos não condizentes aos do Império [...]”

Ibidem. Pg 126-127. (tradução nossa).

conflitos que tiveram início no Baixo Canadá. A rebelião do Baixo Canadá foi comandada por Louis-Joseph Papineau após diversos pedidos ao parlamento britânico acerca das eleições para governador serem recusados. Já a rebelião do Alto Canadá não teve uma única causa, e sim um contexto na qual se encontrava uma série de problemas que há muito tempo aumentava o descontentamento geral da população em relação ao seu governo. Ambas foram rapidamente reprimidas e seus líderes presos. Com isso, a rainha mandou um funcionário, Lord Durham, para fazer o já referido relatório acerca da situação político-social das duas províncias. O veredito de Durham, após dois anos de estudo sobre a situação das colônias, foi de que as colônias britânicas da América do Norte ainda serviriam à coroa britânica caso o Reino Unido lhes desse uma maior autonomia, além de centralizar o poder político das colônias e que ambas as partes fossem unificadas. Inicialmente recusando as propostas de Durham, o governo britânico acabou cedendo e juntando as colônias superiores e inferiores em uma única província, chamada “Província do Canadá”, permitindo-lhe, mais tarde, ter seu próprio governo local. Aos poucos, o sistema de governo local implementado na Província do Canadá foi reivindicado pelas outras províncias próximas, até que em 1855 o mesmo modelo de governo era observado em todas as províncias da região.

Podemos então tentar responder nossa segunda pergunta: “Mesmo com uma animosidade gritante entre os seus principais povos, como a união entre esses dois grupos acabou gerando um sistema político estável e relativamente próspero?”. Basicamente, eles não conseguiram superá-la. Os franco-americanos ainda queriam uma província só sua e autonomia frente ao governo anglo-canadense e à coroa britânica. Porém, como as duas províncias já estavam reunidas e o governo recém-formado precisava se sustentar, houve um consenso entre os dois lados de que era necessário fazer uma verdadeira reforma no sistema político, social e econômico da província para que os erros do passado, como as revoltas dos dois Canadas, não se repetissem, já que segundo alguns historiadores as revoltas representavam um episódio infeliz e sanguinolento que atrapalharam o andamento da reforma política que as colônias tanto necessitavam. Entretanto, para outros, as revoltas tinham sido resultados inevitáveis de um sistema fraco e que serviram para alertar tanto os colonos quanto os administradores ingleses de que a reforma política era algo de extrema necessidade e urgência, o que anos após resultou na implementação do “*Responsible Government*” ou “Governo Responsável” em tradução literal. Claro que isso é apenas um dos vários motivos que levaram à “trégua”, já que ambos os grupos ainda competiam tanto pela hegemonia

política quanto econômica e industrial da província e de suas principais capitais, Ontário e Quebec²⁰.

Tal entendimento leva-nos à terceira e última pergunta: “Mesmo após passar por tantas rebeliões e com uma animosidade gritante entre os seus principais povos, como a união entre esses grupos gerou um sistema político estável e relativamente próspero?”. Em seu livro *“Canada; the story of the dominion; a history of Canada from its early discovery and settlement to the present time”* o autor John Castell afirma que não houve um grande acontecimento que levou a tal evento, mas sim uma série de pressões e causas que levaram a tal ponto. O autor destaca que umas das pressões foi a questão da relação entre Estados Unidos e Inglaterra que começou a piorar e acabou afetando as províncias britânicas, a expansão territorial nos Estados Unidos também representava um perigo para as províncias canadenses que, se no começo do século XIX ainda não pensavam fortemente em uma confederação e emancipação, queriam ao menos unir de forma convincente todo aquele território para poder se proteger, além de querer uma maior autonomia perante a metrópole para assuntos locais. A Guerra Anglo-Americana de 1812 (também estudada pelo autor) é um bom exemplo desse perigo expansionista dos Estados Unidos. Assim, tendo em vista toda essa questão, Castell coloca a preocupação militar como uma das grandes causas da confederação.

Discordando do autor em um determinado ponto, na minha opinião, houve um acontecimento que conseguiu juntar de uma só vez o povo canadense, além das invasões estado-unidenses às suas fronteiras. As Invasões Fenianas, evento ocorrido entre 1866 e 1867, apresenta uma série de questões para o debate sobre “o que levaria um povo a se juntar sob um ideal”, assim como apresenta uma nova questão sobre “o que divide um povo quando contestado com ideias antagônicas porém de extrema relevância?”.

²⁰ *Confederation* por PB. Waite. Disponível em <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/confederation/>

Capítulo 3: As Invasões Fenianas

Antes de abordar o que foram as invasões fenianas é conveniente é explicar quem foram os seus mentores. A Irmandade Feniana foi uma organização irlandesa republicana fundada nos Estados Unidos em meados de 1858. Descendente dos “Irlandeses Unidos”, uma organização liberal de origem irlandesa cujo principal objetivo era a reforma parlamentar irlandesa na Grã-Bretanha, a Irmandade Feniana se opunha aos Atos de União de 1801, que desmantelavam o Parlamento irlandês, e à união da Irlanda e Grã-Bretanha em um só reino, e que mantinha e reforçava a ideia da superioridade inglesa, tanto política, cultural e religiosa, frente aos irlandeses. Seus fundadores, John O’Mahony e James Stephens, fugiram para o continente americano após se envolverem na chamada “Rebelião dos Jovens Irlandeses” de 1848 (não pela grande repercussão do incidente, já que este foi de uma irrelevância quase que completa dentro da Primavera dos Povos de 1848, e sim pelo simples medo de serem presos). Com a volta de Stephens para a Irlanda, Mahony acabou encabeçando o movimento revolucionário irlandês dentro dos Estados Unidos, e assim em 1858 fundou a Irmandade Feniana, cujo principal objetivo era a fundação de um estado republicano irlandês, cujo núcleo era a própria organização revolucionária. Realizavam Congressos com cinco e dez participantes, com um Chefe do Senado e um Presidente eleito pelos órgãos já citados. Como fundador e membro mais notório da organização, Mahony foi eleito o primeiro Presidente da Irmandade Feniana em 1865, no final da Guerra de Secessão.

A movimentação da organização para um caráter mais radical se deu após um conflito de ideias entre John O’Mahony e William R. Roberts, um diplomata irlandês cujo carisma e tenacidade renderam-lhe uma legião de fãs dentro da Irmandade, dividindo-a em duas facções: aqueles leais a Mahony e aqueles leais a Roberts. Após arrecadação de fundos por meio de títulos de capitalização, a facção de Roberts começou a se mobilizar para invadir as colônias canadenses com o intuito de tomá-las da Grã-Bretanha e assim instaurar a República Irlandesa. Tudo isso esperando contar com a ajuda do reunificado Estados Unidos da América, já que, considerando a rivalidade adquirida entre americanos e britânicos desde a Guerra de Independência de 1776 a Irmandade Feniana buscava nesse “aliado” interesses comuns em erradicar por completo o domínio imperial britânico da parte norte do continente americano (isso não quer dizer que necessariamente os EUA ajudaram os fenianos diretamente, porém a sua atitude “neutra” em relação as atividades da Irmandade pode ser considerada um apoio à

mesma)²¹. Roberts acabou por ter uma participação muito maior na história da irmandade do que Mahony, já que as maiorias das empreitadas militares que são atribuídas aos fenianos foram feitas a partir das ideias da facção de Roberts²². A maior parte dos envolvidos no contingente eram soldados experientes tanto na vida quanto na guerra. Muitos deles eram veteranos da Guerra de Secessão e o seu ódio acumulado por anos de servidão à coroa inglesa os fazia batalhar com mais afinco ainda contra os britânicos. Interessante notar que essa força militar não veio junto com Mahony da Irlanda, refugiada dos incidentes revolucionários irlandeses durante a Primavera dos Povos. Hereward Senior em *The Last Invasion of Canada* afirma que desde a época das guerras tribais os Irlandeses estariam acostumados a “exportar” talento militar. Não por vontade própria, mas sim devido às circunstâncias que lhes eram impostas. Estar do lado perdedor das guerras tribais, da resistência contra o domínio inglês e da Reforma Inglesa fez com que uma grande quantidade de homens de armas saíssem do país e fossem procurar sustento em exércitos estrangeiros, sempre alimentando o ódio pelos ingleses que impuseram seu domínio sobre sua terra e os expulsavam de lá²³. Esse costume militar também foi empregado em grupos que lutavam por reivindicações políticas e sociais, que se espalharam tanto na Irlanda quanto no continente americano. Apesar de muitos reivindicarem a autonomia irlandesa como um dos seus principais objetivos, o que dividia os grupos revolucionários irlandeses era o simples fator da religião. Os grupos católicos e os grupos protestantes acabavam por se atacar tanto quanto atacavam os donos de terras e latifúndios ingleses que estariam em primeiro lugar na sua lista de prioridades²⁴.

Hereward Senior faz uma comparação das duas forças militares presentes nesse confronto. Os irlandeses, segundo ele, viriam de uma longa tradição militar que teve início muito antes do domínio inglês se estabelecer em sua terra natal, onde a constante guerra tribal presente no país fizera dos antigos irlandeses um povo acostumado com as armas. Essa condição produziu um povo forte que, combinado com a experiência da Guerra de Secessão que muitos desses revolucionários possuíam faziam deles uma força a ser temida, apesar de que o tamanho total do regimento não era muito significativo²⁵. Em contrapartida, o poderio militar canadense poderia não sofrer de falta de números, porém lhe faltava muita experiência.

21 GEVINSON, Alan. What Happened to the Fenians After 1866? Disponível em <http://teachinghistory.org/history-content/ask-a-historian/19821>.

22 McMULLEN, *The history of Canada: from its first discovery to the present time*. Brockville Press, 1892. p 287.

23 SENIOR, Hereward. *The Last Invasion of Canada*. Dundurn Press, 1991. p 12. (tradução nossa).

24 *Ibidem*. p 13.

25 *Ibidem*. p 12.

Segundo Hereward, a milícia canadense e a Guarnição Imperial Britânica eram as duas forças de segurança atuantes nas províncias canadenses. O autor afirma que o recrutamento compulsório e o sedentarismo exacerbado fazia da milícia canadense uma força militar fraca, isso contando com a incapacidade de seus oficiais de manobrar seus regimentos com alguma habilidade, já que muitas vezes os oficiais “(...) eram apontados ao cargo devido a sua influência no meio social, não pelo seu talento militar”²⁶. Apesar disso, eram de alguma valia, já que rebeliões ocasionais, como as de 1837, e contendas militares esparsas colocavam as milícias canadenses nos eixos e as mantinham em forma, mesmo que somente por algum tempo. Foi durante o começo das mobilizações da Irmandade nas fronteiras canadenses que estas milícias começaram a se regularizar pois, segundo Hereward, uma “onda de patriotismo varreu as províncias” e os regimentos se viram lotados de tropas e voluntários. Também explicitado pelo autor um dos grupos étnicos responsáveis por esse grande número de voluntários foram os próprios irlandeses moradores das províncias canadenses. As mobilizações das tropas fenianas e a propaganda feita pela Irmandade dividiam a população irlandesa presente nas províncias canadenses. Por um lado, a reivindicação de um Estado e o reconhecimento dessa nacionalidade eram válidos e contemplavam o desejo de muitos. Porém, por outro lado, essa população já havia conquistado um lugar dentro da comunidade canadense, com empregos, terra e família, e não estariam dispostos a largar tudo para se juntarem a uma organização, cujo futuro era incerto, em busca de reivindicações de futuro ainda mais incerto. A posição destes, em relação ao confronto inevitável com a Irmandade Feniana, foi definida por um representante da comunidade irlandesa canadense chamado Thomas D'Arcy McGee. Apesar de ter um irmão ao lado dos fenianos, McGee anunciava a sua posição na Assembleia Legislativa de Montreal de que era obrigação de sua comunidade defender o país onde viviam, pois para ele: “Não havia um país, desde que a raça irlandesa encontrou seu lugar na história, onde o nome e a honra irlandesa fossem tão bem respeitados quanto no Canadá”²⁷. Integrantes do movimento feniano dentro das províncias canadenses tentaram sabotar a formação dos batalhões irlandeses e conseguiram que o governo local não permitisse a formação de batalhões e regimentos militares baseados apenas na nacionalidade de seus integrantes. Porém a intenção do discurso de McGee surtiu efeito, e os irlandeses começaram a participar ativamente do contingente miliciano das províncias canadenses.

Foi em Abril de 1866 que as primeiras contendas entre fenianos, canadenses e

²⁶ *Ibidem*. p 23.

²⁷ *Ibidem*. p 33. (Tradução nossa).

britânicos começaram. No plano original as forças dos fenianos iriam se dividir em dois segmentos, onde um faria pressão sobre a província de Ontário por meio de táticas de guerrilha e, assim que Quebec respondesse enviando suas tropas, o segundo regimento invadiria essa província e a dominaria. Começando sua invasão em abril de 1866, os fenianos invadiram a ilha de Campobelo, localizada na província de Nova Brunswick. Mais de 700 fenianos invadiram a ilha, vindos da costa do Maine, e fixaram-se na baía de Passamaquoddy. Charles Hastings Doyle, um comandante britânico, movimentou a sua unidade com mais de 700 soldados britânicos para Passamaquoddy e dispersou o contingente feniano. Em junho de 1866 o coronel John O'Neill transportou cerca de 1000 a 1300 fenianos ao longo do rio Niágara. Os fenianos estavam tão incrustados dentro do território norte-americano que o navio responsável pela interceptação da frota irlandesa, o USS Michigan, já se encontrava inoperante devido a sabotagem feita por membros da Irmandade disfarçados e infiltrados na sua tripulação²⁸. Após dominarem a milícia da cidade de Ridgeway, os soldados fenianos rumaram para o seu destino principal: Forte Erie. Apesar dos avanços feitos para a reorganização da milícia canadense esta ainda se encontrava muito inexperiente e confusa, o que contrastava com os veteranos experientes das forças fenianas. Após uma batalha de quase duas horas os canadenses, em função de ordens desconexas de um oficial novato, permitiram que o batalhão feniano forçasse sua retirada para Porto Colborne, mas os irlandeses não quiseram levar adiante a vantagem que obtiveram e acabaram voltando para Forte Erie²⁹. Apesar de vitoriosos e cientes da sua superioridade militar, pelo menos no quesito habilidade, os fenianos ainda precisavam de reforços já que suas forças foram minadas por deserções e divisões feitas no contingente com o objetivo de atacar outros locais. Com um grande número de soldados canadenses e britânicos se movimentando para Forte Erie, as tropas irlandesas tiveram que se retirar para Buffalo, porém encontraram o USS Michigan, que voltara a funcionar e acabaram se rendendo.

Então, apesar de um começo promissor a incursão feniana acabou indo por água abaixo após uma série de eventos que muitos atribuem à má sorte. Inicialmente, o apoio que a Irmandade procurava entre os irlandeses moradores das províncias canadenses acabou sendo encontrado, porém em escala muito menor do que o esperado, apenas o suficiente para que os infiltrados nos exércitos britânico e canadense ganhassem um pouco de tempo para que a

²⁸ McMULLEN, *The history of Canada: from its first discovery to the present time*. Brockville Press, 1892. p 288.

²⁹ *Ibidem*. p 289 & 290.

legião feniana entrasse em Nova Brunswick. Além disso, o apoio estado-unidense, com a qual a Irmandade também contava, nunca veio. Pelo contrário. Após o episódio de Forte Erie o presidente americano Andrew Johnson proclamou uma ordem para que a Irmandade Feniana parasse imediatamente com os seus planos. O exército dos Estados Unidos confiscou todas as armas e munições do contingente feniano preso em Buffalo e mais tarde começou a caçar e prender todos aqueles envolvidos nos negócios da irmandade. Assim, os planos em três etapas da irmandade poderia ter o sucesso garantido, mas apenas a curtíssimo prazo. As forças reais britânicas, apesar de serem inexperientes, eram mais numerosas, providas de mais armamento e munição do que a Irmandade. Logo, um ataque surpresa surtiu um grande efeito nas horas iniciais da operação, porém na hipótese de uma batalha de verdade, as forças fenianas seriam devastadas.

Após o desastre das Batalhas de Ridgeway e de Forte Erie os fenianos tentaram dominar o Canadá em mais três ocasiões. A primeira foi a batalha de Eccles Hill em 25 de maio de 1870, onde 600 militantes fenianos tentaram invadir Montreal pela região de Eccles Hill em Quebec. Comandados pelo mesmo John O'Neill de 1866, a fenianos foram facilmente rechaçados e tiveram seus armamentos apreendidos pela força de segurança local. Dois dias depois, em 27 de maio de 1870, as forças fenianas tentavam se reorganizar perto de Huntington, Quebec. Após receberem reforços, eles prontamente cruzaram o Rio das Trutas (Trout River em tradução literal) e marcharam em direção a Huntington. Infelizmente para eles já havia cerca de três batalhões de infantaria esperando-os perto de Huntington e após cerca de dez minutos de fogo ininterrupto os batalhões canadenses fizeram os combatentes recuar de volta para território estado-unidense. Já em território americano O'Neill tentou invadir Manitoba com cerca de 35 homens armados e acabou capturado pelas forças militares americanas em conjunto com os Metis, um grupo de mestiços franco-canadenses.

Em decorrência desta série de fiascos a Irmandade começou a decair até praticamente desaparecer. Algumas outras manifestações organizadas por ex-membros ou simpatizantes da causa ocorreram durante o resto do século XIX, mas nada pode salvar a organização da extinção completa. A milícia canadense mostrou seus méritos e acabou por inflar um sentimento nacionalista e militarista em seus cidadãos, proporcionando o crescimento de uma onda de recrutamento voluntário às forças militares. Contudo, essas tentativas de invasão serviram para demonstrar a fragilidade do sistema militar canadense e como a sua desorganização poderia custar caro para as províncias caso uma ameaça de maior porte

aparecesse. Assim, não só os líderes locais como o próprio Governo Imperial³⁰ perceberam que era preciso reforçar a união entre as províncias para que ameaças iguais a essa não surgissem novamente. T.C.L Ketchum diz, que durante as deliberações da Confederação, a própria rainha favorecia a união das províncias devido ao estado “desorganizado” em que se encontravam e por sentir que as invasões fizeram parte de uma ameaça real às colônias britânicas³¹. Sendo assim, apesar de ser um fiasco que alguns historiadores consideram estar “fadado ao fracasso” desde o seu início, as invasões fenianas desempenharam um papel importante na história das colônias britânicas da América do Norte, já que, parafraseando Hereward, elas forneceram aos irlandeses um mito do seu folclore revolucionário que ajudou a impulsionar ainda mais as diversas reivindicações que fazem até hoje em relação ao seu domínio pela Grã-Bretanha, e, também, deu ao Canadá um impulso ao seu patriotismo e fez com que tanto os governos locais quanto a coroa britânica percebessem a sua fragilidade em relação ao seu vizinho unificado ao sul, cuja potência militar lhe dava uma vantagem imensa no caso de algum conflito armado futuro. E aos EUA, deu um alerta mostrando o que aconteceria se organizações de cunho radical fossem deixadas livres para fazer o que bem entendessem, podendo gerar conflitos de repercussão internacional³².

30 KETCHUM, T.C.L. *High spots in Canadian history*. Saint John, New Brunswick: The Saint John Globe Publishing Company Limited, 1926, p 75.

31 *Ibidem*. p 91.

32 SENIOR, Hereward. *The Last Invasion of Canada*. Dundurn Press, 1991. p 9.

Capítulo 4: A Confederação e a formação do Canadá

Passada a ameaça da Irmandade Feniana, os governantes provincianos perceberam que as províncias eram muito fracas tanto economicamente quanto militarmente comparadas ao seu vizinho, os EUA. O consenso de que a união de duas ou mais províncias era necessário já era algo antigo dentro do cenário político das colônias britânicas norte-americanas. Lorde Durham, em seu relatório, já recomendava a união do Baixo e do Alto Canadá em uma única província de dominância britânica. Pelo Ato de União de 1840 a província do Canadá já era uma realidade. É interessante observar que durante os esforços dos governos locais para a formalização das milícias pode-se ver a primeira tentativa da implementação da autonomia das colônias canadenses em relação à metrópole. Segundo Hereward, em 1853, Francis Hincks, figura proeminente na política e parlamentar eleito do Primeiro Parlamento da Província do Canadá, sugeriu ao governador-geral Lorde Elgin que a Grã-Bretanha deveria retirar as forças da Guarnição Imperial das terras canadenses e ceder as terras e armamentos para o Canadá³³. Podemos então dizer que devido à situação política das colônias britânicas na época (a junção das províncias do Baixo e do Alto Canadá na Província do Canadá) e da sugestão de Hincks já havia o desejo de unir todas as demais províncias e formar um único Estado? Se formos levar em conta o debate e a aceitação das propostas de Lord Durham (mesmo com as suas presunções de superioridade britânica) e que o movimento reformista já existia desde a década de 30, então esse desejo de unir as províncias já estaria muito vívido entre os políticos e representantes locais. A certeza da necessidade de uma reforma no seu sistema militar seria apenas um dos fatores que contribuíram para fortalecer e pôr em prática a ideia da junção das províncias em um Estado. Logo as Invasões Fenianas foram a gota d'água para que tais debates recomeçassem com mais vigor ainda.

Porém não foi só com as invasões fenianas que a proposta de união se fortaleceu. T.C.L Ketchum diz que “A situação militar era uma das maiores razões para se discutir a confederação, mas não seria a única”³⁴. Boa parte das razões que podemos considerar de cunho “internacional” são as relações entre as províncias canadenses e os EUA. As invasões estadunidenses a territórios canadenses durante a Guerra de Independência e a Guerra de 1812 e a doutrina do *Manifest Destiny* fez com que muitos canadenses se preocupassem com

³³ *Ibidem*. p 26.

³⁴ KETCHUM, T.C.L. *High spots in Canadian history*. Saint John, New Brunswick: The Saint John Globe Publishing Company Limited, 1926, p 83.

futuras invasões por parte dos EUA, e o desejo de união se fortaleceu. Claro que o sentimento anti-estado-unidense foi reforçado após as invasões fenianas, devido à inabilidade e desinteresse por parte dos EUA de reprimi-las quando ainda estavam em seus primeiros estágios. Houve também o episódio do cancelamento do Tratado de Reciprocidade, que por sua vez desfalcou bastante a economia canadense. Porém já era esperado o fim desse pacto devido à própria inimizade que os EUA sentiam pelo apoio indireto que a Coroa Britânica dera aos Confederados durante a Guerra Civil Americana. O fim do pacto ajudou os incitadores da Confederação a levantar o ponto de que a economia canadense, diante desse desfalque, só poderia crescer com o livre comércio entre as províncias unidas³⁵. Isso seria possível graças à construção da Ferrovia Intercolonial, um dos pontos mais forte da proposta da Confederação e que ajudaria imensamente a economia canadense.

Segundo Ketchum, a província de Ilha de Prince Edward e a cidade de Charlottetown foram escolhidas como sede da primeira convenção da unificação por reunir os quatro maiores grupos étnicos colonizadores do Canadá: franco-canadenses, escoceses, ingleses e irlandeses. A chamada “Conferencia de Charlottetown”, realizada entre 1 e 7 de Setembro de 1864, foi inicialmente voltada para a união de Nova Escócia, Nova Brunswick e Ilha de Príncipe Edward em uma só província, sendo que mais tarde a Província do Canadá também foi incluída na agenda para promover à ideia de união, assim como a província de Terra Nova. Apesar do evento memorável, inicialmente muitas províncias se mostraram apáticas em relação à ideia, sendo apenas Nova Brunswick, que segundo Ketchum esta teve uma reviravolta inesperada em suas convicções já que inicialmente advogava contra a união, e Terra Nova as mais entusiastas pela ideia³⁶. Porém após a conferência todos os delegados se viram inclinados a acreditar na ideia, já que o *tour* feito pelos delegados pelas províncias envolvidas os fez acreditar na importância que aquele ato tinha para a grande massa, já que:

“(…) maior o entendimento da população em relação ao esquema proposto, maior era o entendimento de que nas colônias britânicas da América do Norte existia a possibilidade de nascer uma grande nação, que sob um governo unido, poderia se tornar uma das maiores nações do continente, e também do mundo”³⁷.

Assim, os discursos feitos pelos representantes das províncias durante a sua jornada procuravam difundir esse espírito nacionalista na população colonial. Claro que apesar das

³⁵ *Ibidem*. p 84.

³⁶ *Ibidem*. p 80.

³⁷ *Ibidem*. p 81. (tradução nossa).

boas intenções dos delegados a conferência não estava isenta de discussões ou de atritos. É conhecido o atrito entre Thomas D'Arcy McGee e um dos políticos insulares de Ilha de Prince Edward, quando McGee, ao sentir que o pequeno político se gabava demais, disse: “Não se gabe muito da sua pequena ilha. Não nos faça ouvir muito sobre ela, ou nós vamos jogá-la em um pequeno barco e a rebocar para um dos nossos lagos para que assim nunca mais nos perturbe”³⁸.

Após o término da Conferência e com os ânimos renovados para o debate, os 23 delegados que compareceram à Charlottetown se reuniram em 10 de outubro de 1864 em Quebec com mais 9 delegados, somando o total de 32, e começaram a discussão sobre qual tipo de Estado deveriam formar a partir das suas ideias. A discussão maior foi a escolha entre um Estado unitário ou um Estado mais descentralizado que desse mais poder para as províncias. Entre os que favoreciam o poder descentralizado um dos representantes óbvios dessa linha de pensamento eram os próprios *Québécois*, que devido à própria identidade nacional se sentiam ameaçados pela instituição do poder centralizado caso ele viesse a ser comandado por descendentes de colonizadores britânicos, ainda mais depois que o ex-governador geral, Lorde Durham, os chamava de “inferiores” e “bárbaros” e que o princípio da ideia de juntar as províncias do Baixo e do Alto Canadá visava impor a supremacia dos descendentes britânicos sobre os de descendência franca. Um exemplo disso seria o político Jean-Baptiste-Éric Dorion, que usava o seu jornal *L'Avenir* em oposição à Confederação apontando o perigo de a maioria britânica se impor sobre os franco-canadenses: “Me oponho à Confederação porque prevejo as inúmeras dificuldades que os poderes conjuntos terão, devido aos governos de diversas áreas que deverão compô-lo. Essas dificuldades e conflitos serão resolvidas em favor do governo geral e em detrimento das reivindicações legítimas das demais províncias”³⁹. O argumento de Dorion pode ser considerado válido, já que a rivalidade entre franco-canadenses e anglo-canadenses era secular e muitos poderiam compartilhar das ideias de Durham, até mesmo os políticos que discutiam a Confederação como delegados ou como governadores e prefeitos, podendo assim desconsiderar as reivindicações das províncias menores ou até mesmo de grupos étnicos de menor representatividade, como por exemplo os próprios *Québécois*. O próprio irmão de Dorion, Antoine-Aimé Dorion, também se opunha à Confederação usando dos mesmos argumentos do irmão, mas também acrescentando a sua preocupação que as províncias insulares, chamadas

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ TATTRIE, Jon. Québec and the Confederation. Disponível em:
<http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/quebec-and-confederation/>

de colônias Marítimas (as mesmas que tinha iniciado as convenções), prejudicariam a economia canadense e aumentariam o seu deficit econômico. Foi preciso o convencimento de um político que participou de todas as convenções para que o apoio dos franco-canadenses fosse ganho. O responsável por esse feito George-Étienne Cartier, que apesar de também ter suas dúvidas sobre a Confederação acabou deduzindo que a união era algo necessário, e como cidadão nascido no Baixo Canadá, conseguiu perceber quais argumentos eram necessários para convencer os *Québécoise* a se unirem a causa.

Apesar do conflito de ideias, ficou decidido que o poder governamental ficaria dividido entre centralizado e descentralizado. Haveria um governo geral comandado por um parlamento, porém os assuntos provincianos seriam discutidos e tratados por legislaturas e governos locais. O governo geral seria dividido entre a “Casa dos Comuns” (*House of Commons*) e o Senado. Após as deliberações, foram redigidas as Resoluções de Quebec⁴⁰, também chamadas de Setenta e duas Resoluções, que seriam a base da Constituição Canadense e da Conferência de Londres de 1866, e incluíam dados como: definição das leis que regiam a Casa dos Comuns e o Senado, participação das províncias na Casa dos Comuns e Senado, definição dos cargos dos representantes das forças armadas tanto em terra como no mar etc. Após a Conferência de Quebec cerca de 16 delegados foram escolhidos para representarem as províncias canadenses em Londres em 4 de Dezembro de 1866. Apesar de algumas divergências sobre pequenos assuntos, como o sistema de educação separado do Estado em certas províncias, a Rainha Victória assinou a ata, a primeira de uma série conhecida como Atos da América do Norte Britânica em tradução literal (*British North America Acts*), legalizando a união das províncias canadenses e a formação do Estado Canadense, que entrou em vigor em 1 de Julho de 1867 formando assim, oficialmente, o Canadá. Segundo o documento: “Nós ordenamos, declaramos e comandamos que no dia e após o primeiro dia de Julho de Mil Oitocentos e Sessenta e Sete as províncias do Canadá, Nova Escócia e Nova Brunswick formarão e serão um único país sob o nome de Canadá”⁴¹. O ato acabou reunindo as províncias de Nova Brunswick e Nova Escócia com a Província do Canadá, e separando Quebec e Ontário em duas províncias distintas mais uma vez.

Porém, em vez de se tornar independente e adotar um sistema republicano igual aos EUA, o Canadá aderiu ao sistema monarquista parlamentarista. Segundo John A. Macdonald, considerado por muitos o pai da confederação:

⁴⁰ Disponível em http://www.solon.org/Constitutions/Canada/English/Misc/qr_1864.html

⁴¹ BOUSFIELD, Arhur & TOFFOLI, Garry. *Royal Observations*. Dundurn Press Limited. p 17. 1943. (Tradução nossa)

“Ao aderir ao princípio monárquico nós evitamos um defeito inerente da Constituição dos Estados Unidos. Ao ser eleito por uma maioria para servir em um espaço de tempo tão curto, o presidente nunca vai ser o soberano e chefe de uma nação. Ele nunca é olhado pela população inteira como o chefe definitivo da nação. Ele é, na melhor das hipóteses, um líder vitorioso de um partido político. Esse defeito é ainda mais grave se formos levar em conta a prática de reeleição. No seu primeiro mandato ele está tomando providências para ser reeleito e manter seu partido político no poder. Nós evitamos isso ao aderirmos ao princípio monárquico – contando com um soberano que você respeita e ama. Eu acredito que é da mais profunda importância termos um soberano que é posto acima de qualquer partido político – uma pessoa em quem todos os partidos confiem; que não é elevado pela ação de um partido ou posto abaixo pela ação de outro; que é o chefe e soberano de todos”⁴²

Com isso o Canadá era parcialmente autônomo em relação a Grã-Bretanha, não independente frente a ela. Os assuntos de cunho internacionais ainda eram de responsabilidade da Grã-Bretanha e o novo país ainda era parte do *Commonwealth*. Sua autonomia foi crescendo com o passar do tempo, atingindo a autonomia quase total com o Estatuto de Westminster em 1931, dando ao país autonomia legal para se auto governar, porém ainda possibilitando ao parlamento inglês regular a constituição canadense. A autonomia total só foi atingida em 1982 com o Ato do Canadá de 1982, quando sua constituição foi “anexada” ao seu território e excluía qualquer possibilidade de intervenção do Parlamento inglês e de qualquer lei imposta por este⁴³. Tanto o ato quando a constituição foram traduzidos e se encontram até hoje na sua forma bilíngue, já que tanto o francês e o inglês são os idiomas oficiais do país⁴⁴.

É interessante notar que mesmo um ano depois da legalização da Confederação ainda existiam partidos opostos a ela. Em 1968 o partido Anti Confederação ganhou na Nova Escócia uma quantidade notável de cadeiras tanto nas eleições federais quanto nas provinciais. Seus líderes, William Annand e Joseph Howe mantiveram um debate fervoroso com a metrópole britânica para a separação da Nova Escócia do restante da Confederação. Outro exemplo seria a própria província do Quebec, importantíssima nos primeiros anos da Confederação, pois até hoje existe um forte sentimento, debate e movimento separatista do governo provincial, e da população também, para a sua separação, ou, pelo menos, distinção, do resto do Canadá, devido a sua luta pela legitimidade da sua identidade *Québécois*.

42 MACDONALD, Sir John A. On Canadian Confederation. Disponível em: <http://www.bartleby.com/268/5/1.html>.

43 Canada Act 1982. Disponível em <http://www.legislation.gov.uk/ukpa/1982/11/section/2/enacted>.

44 *Ibidem*. Disponível em <http://www.legislation.gov.uk/ukpa/1982/11/section/3/enacted>.

Conclusão:

Concluo esse trabalho demonstrando a diferença entre a Confederação do Canadá do resto e o resultado dos outros processos de independência do continente americano em seu ponto principal: não foi um processo de independência em si. Foi um processo de autonomia da colônia frente a metrópole apoiado pela própria metrópole. É nisso que a Confederação se diferenciou da Revolução Americana e demais eventos do mesmo tipo. Não houve uma quebra completa da relação entre a antiga metrópole e o novo país fundado. Não houve belicosidade entre os dois governos já que o Canadá considerava a Grã-Bretanha como aliada, sentimento que é recíproco até hoje. Podemos tomar o discurso de John MacDonald como exemplo para demonstrar o sentimento tido pela antiga metrópole, já que o mesmo refere a figura máxima do Império Britânico, a rainha da Inglaterra, como uma soberana que todos “respeitam e amam”. Podemos ver a diferença se compararmos a “Declaração e Resoluções do Primeiro Congresso Continental” (*Declaration and Resolves of the First Continental Congress*)⁴⁵ com as Setenta e Duas Resoluções da Conferência de Quebec (*Seventy-Two Resolutions*)⁴⁶ como provas das diferenças nas relações diplomáticas colônia-metropole durante o processo revolucionário. No primeiro documento podemos ver em sua primeira linha a imagem que os estadunidenses tinham do parlamento inglês, atribuindo a ele e à coroa Britânica atos vistos como abusos de poder em diversas áreas como por exemplo a dissolução arbitrária de assembleias, a proibição da movimentação de produtos e navios no porto de Boston e a legalização da administração parcial da lei em indivíduos detidos sob a suspeita da participação de tumultos e rebeliões⁴⁷. Logo era justificado o ódio sentido pelos americanos contra a Inglaterra, pois eles se viam prejudicados com as diversas sanções impostas a eles. Isso fazia crescer um sentimento separatista que mais tarde evoluiu para o próprio sentimento nacionalista cuja principal característica seria a quebra total com os fundamentos coloniais, adotando um nome e uma personalidade nova para a sua nacionalidade. Enquanto isso, nas Setenta e Duas Resoluções, mais precisamente no primeiro item, já estava prevista a união das províncias sob a coroa britânica e se asseguravam alguns privilégios da mesma em relação ao Canadá.

O processo da Confederação do Canadá foi uma união entre províncias feita sob o

⁴⁵ Disponível em http://avalon.law.yale.edu/18th_century/resolves.asp

⁴⁶ Disponível em <http://www.canadahistory.com/sections/documents/federal/72resolutions.htm>

⁴⁷ *Ibidem*.

conceito de protegerem o seu povo de ameaças, tanto internas quanto externas, e não uma rebelião contra a sua antiga metrópole, pois ainda usariam da aliança com o império britânico para crescer em diversos aspectos, como, por exemplo, garantia de auxílio no caso de uma futura guerra com os EUA (um dos motivos para a Confederação), auxílio monetário em caso de crise etc. Porém, a maior demonstração de lealdade viria do lado canadense durante o século XX, quando o governo canadense viria a ser um dos maiores aliados da Inglaterra durante a primeira guerra mundial e mesmo após a promulgação do Estatuto de Westminster o governo canadense ainda demonstrou lealdade se juntando ao bloco dos Aliados e vindo a ser uma das maiores potências durante a segunda guerra mundial, junto aos EUA. Apesar disso houve desavenças, principalmente durante a Crise de Suez em 1956 quando o Canadá se recusou a se juntar ao lado inglês e no final da guerra acabou liderando as negociações de paz. Apesar de alcançar a independência constitucional em 1982 as relações Canada-Inglaterra continuam bastante amistosas, liderando os rankings de investimentos econômicos e tecnológicos em ambos os países e a rainha permanecendo como monarca oficial da nação canadense.

Concluo esse trabalho com esperanças renovadas sobre a pesquisa e aprofundamento em processos de independência e autonomias alternativas, onde as relações colônia-metropole possam continuar de maneira amistosa e pacífica. Não somente isso, mas também na esperança de poder me aprofundar no estudo geral sobre as relações coloniais pré processo de independência, na formação da identidade nacional de um país e participação dos diferentes tipos de povos dentro dele em ambos os processos.

Bibliografia:

ANDREAS, Peter. *Smuggler Nation: How Illicit Trade Made America*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BOUSFIELD, Arthur & TOFFOLI, Garry. *Royal Observations*. Dundurn Press Limited, 1943.

DURHAM, John. *Report on the Affairs of North British America*. Ontario Council of University Libraries and Member Libraries, 1906.

GEVINSON, Alan. What Happened to the Fenians After 1866? Disponível em <http://teachinghistory.org/history-content/ask-a-historian/19821>.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991.

HOPKINS, John Castell. “*Canada; the story of the dominion; a history of Canada from its early discovery and settlement to the present time*”. Toronto, 1922.

Progress of Canada in the Century. Toronto e Philadelphia: The Linscott Publishing Company, 1902.

KETCHUM, T.C.L. *High spots in Canadian history*. Saint John, New Brunswick: The Saint John Globe Publishing Company Limited, 1926.

MACDONALD, Sir John A. On Canadian Confederation. Disponível em: <http://www.bartleby.com/268/5/1.html>.

McMULLEN, J. M. *The history of Canada: from its first discovery to the present time*. Brockville Press, 1892.

MUNRO, William Bennet. *Canada and British North America*. Philadelphia: George Barrie's Sons, 1905.

SENIOR, Hereward. *The Last Invasion of Canada*. Dundurn Press, 1991.

TATTRIE, Jon. Québec and the Confederation. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/quebec-and-confederation/>

WAITE, pB. *The Life and Times of Confederation 1864-1867*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

_____. *Confederation*. Disponível em <http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/confederation/>

Fontes:

“Declaration and Resolves of the First Continental Congress” disponível em:
http://avalon.law.yale.edu/18th_century/resolves.asp

Quebec Conference: Seventy-Two Resolutions. Disponível em:
<http://www.canadahistory.com/sections/documents/federal/72resolutions.html>

Towards Confederation: Upper Canada. Disponível em
<https://www.collectionscanada.gc.ca/confederation/023001-2100-e.html>

Towards Confederation: Lower Canada. Disponível em:
<https://www.collectionscanada.gc.ca/confederation/023001-2200-e.html>

Journal of Colonel Washigton Disponível em : Disponível em
http://www.archive.org/stream/journalofcolwash00washrich/journalofcolwash00washrich_djvu.txt